

SIA desvirtua plano original de Brasília

JORNAL DE BRASÍLIA

* 4 MAR 1990

JORNAL DE BRASÍLIA

* 4 MAR 1990

Ricardo Medeiros

Como o nome deixa explícito, o Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) foi planejado seguindo as regras de segmentação urbanística da arquitetura de Brasília, para abrigar estas duas atividades. Contudo, o crescimento do SIA, apesar da proposta de planejamento, fez surgir distorções que não eram esperadas. Empresas prestadoras de serviços, informais e de comércio se misturam com as originais, de indústria e abastecimento, e trazem à tona problemas de ocupação irregular de áreas públicas, invasões e, sobretudo, proliferação de bares, botecos e biroskas, que suprem a falta de restaurantes populares para o exército de trabalhadores que, de segunda a sábado, circulam no setor. Há, ainda insuficiência no sistema de transporte coletivo.

Segundo números de uma pesquisa executada pelo Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa (Ceag) para a Administração Regional do Guará, que desde dezembro do ano passado é a instância responsável pelo SIA, 420 empresas de diversas atividades estão em funcionamento no setor. Entre elas, 102 são classificadas de informais - não cumprem os encargos sociais com os poucos empregos que geram, não recolhem impostos e, na maioria dos casos, estão irregularmente instaladas em barracos construídos em áreas invadidas. E aí que aparecem as biroskas, que funcionam nos canteiros divi-sórios das pistas que cortam os trechos do SIA, destinados a estacionamentos.

Biroskas

"Não sabemos o que fazer com os barracos que vendem comida e bebidas", garante o administrador interino do Guará, Oton Silva, que não tem conhecimento das conclusões do trabalho realizado pelo Ceag exatamente para facilitar à Administração do Guará o gerenciamento do SIA. Mas o GDF já tem uma solução para os barraqueiros, que formam uma espécie de grande família que sobrevive

única e exclusivamente da pouca renda oriunda das refeições e bebidas servidas aos operários do SIA. O Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma) aprovou a proposta de tirar as biroskas do SIA e as substituir por lanchonetes em alvenaria. O projeto, já encaminhado à Comissão do DF no Senado, prevê a construção de 24 lanchonetes em 12 pontos pré-determinados. O projeto prevê, também que a ocupação das áreas será feita através de licitação promovida pela Terracap.

A solução apresentada pelo GDF não agradou aos donos das biroskas. E não agradou, também, aos usuários. Todos concordam que construir barracas de tijolo, ter água encanada e energia seria muito melhor para a comunidade do SIA. O problema é a licitação. Qual o birosqueiro que vai poder participar dela, entrando em confronto com grandes ou mesmo médios empresários do setor alimentício, todos de olho no filão que é o SIA? "Nenhum", responde o presidente da Associação dos Pequenos Comerciantes do SIA, Valdivino Ferreira de Souza. "Nenhum", concorda o mestre-de-obra João Severino, que há dez anos costuma almoçar na barraca de Souza, em frente ao prédio da ECT, no trecho 2/3.

Cachorro

"Vamos nos mobilizar e chegaremos às últimas consequências para defender nosso comércio", avisa Souza, que há 15 anos está no SIA. O mesmo tempo no setor tem Idalina Rosa de Oliveira, que montou sua birosca em frente ao depósito da Antartica, no trecho 3/4. "Sou pobre, mas não sou cachorro para ser expulso dos lugares", considerou Idalina. Aos seus costumeiros fregueses Idalina vende aproximadamente 50 refeições, de segunda a sábado e só cobra quando as empresas liberam os salários - uma prática usual em todas as biroskas. Ela assegura ter recursos para construir uma lanchonete de alvenaria, desde que devidamente autorizada pelo GDF, só que daí a participar de uma licitação

entram outros tantos cruzados. "As barracas são pontos de referência do nosso almoço e devem continuar onde estão", raciocina José Basílio de Souza, há seis anos trabalhando no SIA.

Conforme explica a diretora do Departamento de Urbanismo da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Ivelize Longhi, há carência de locais de alimentação no SIA porque os lotes destinados a esse fim foram superdimensionados. Ou seja, neles precisariam ser instalados grandes restaurantes, que teriam um custo operacional não condizente com a receita proporcionada por refeições servidas a trabalhadores de baixos rendimentos. Daí então, a instalação das biroskas, que com um nível de higiene bastante discutível oferecem pratos, sempre à base de arroz, feijão, macarrão e carne, por NCz\$ 50.

Área Verde

Ainda de acordo com o estudo do Ceag sobre o SIA, no local foram observados 17 casos de ocupações de áreas verde, e 68 ocupações de calçada e 155 casos de lotes com ocupação múltipla, fugindo à ideia de indústria e abastecimento. O lote 620 do setor 4 é um desses. Lá funcionam um bar, uma metalúrgica, uma fábrica de telas para alambrados e uma loja de serviços de mola.

Além disso, o SIA não é bem servido por ônibus urbanos. Da Rodoviária do Plano Piloto até lá só existe a linha 124, que sai de 25 em 25 minutos. Quem mora em Taguatinga, Ceilândia, Samambaia e Guará é servido por ônibus que trafegam pela EPTG e precisam caminhar até os locais de trabalho (o trecho 4 é o mais distante da EPTG). Finalmente, quem mora em Sobradinho e Planaltina fica na dependência do 124, assim como os moradores da Asa Norte. No SIA praticamente não existem orelhões e caixas de coleta da ECT. Também não existem farmácias. "Apesar de programada", avalia o coordenador de projetos do Ceag, Júlio Pasquali, "a ocupação do SIA tem características falhas".